

## APRESENTAÇÃO

Fechamos esta nossa edição, a Número 1 do Volume 9, da Revista Feminismos, em um momento de muita tristeza, muito destroçar em nosso país. Há registros de mais de 15 milhões de casos confirmados do novo coronavírus, o COVID-19, e quase 425 mil óbitos causados por esse vírus, sem que o governo brasileiro aja de acordo com a urgência dessa situação, tampouco se sensibilize com o sofrimento de tantas famílias com a perda de seus entes queridos. Sem esquecer das milhões de famílias que se encontram em situação crítica, passando fome, sem os mínimos recursos para sua sobrevivência.

Por certo, está também bastante difícil ter ciência do processo em curso de desmonte das políticas de direitos humanos, pelas quais tanto lutamos, particularmente aquelas voltadas para a igualdade de gênero e direitos das mulheres, com destaque para as de enfrentamento da violência de gênero e defesa dos nossos direitos sexuais e reprodutivos. Não resta dúvida de que esse processo já vinha se desenrolando desde o Golpe de 2016 contra a Presidenta Dilma Rousseff, sob a batuta do Governo Temer. Mas, vem se acelerando e se intensificando com a política cristofascista do Governo Bolsonaro, levada adiante pela Ministra das Mulheres, Família e Direitos Humanos, a pastora evangélica Damares Alves, aprofundando-se, ainda mais, com a pandemia do COVID-19.

Por tudo isso, acatamos prontamente a proposta de dossiê sobre “Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos Durante a Pandemia do Covid-19 no Brasil”, nos encaminhada por Paula Rita Bacellar Gonzaga, Leticia Gonçalves e Claudia Mayorga, publicado nesta edição. Conforme lembram essas pesquisadoras, organizadoras do referido dossiê, citando a historiadora Joan Scott, “[...] são os direitos das mulheres os primeiros a serem barganhados, extirpados, suprimidos, escamoteados em meio a crises políticas e ascensão de governos totalitários.” Reúnem, assim, sete artigos submetidos à *Feminismos*, que tratam tanto da supressão dos direitos em questão, quanto da incidência da violência contra mulheres e das frágeis políticas públicas hoje em curso para combatê-la.

A seção de artigos deste número inclui relevantes contribuições de diferentes campos do saber, que nos oferecem um olhar para as múltiplas experiências femininas forjadas pelo imbricar das relações de gênero com outros marcadores sociais em diferentes contextos no tempo e no espaço. O primeiro artigo intitulado “Paisagens Amazônicas e Identidades Femininas na Primeira Metade do Século XX, Em *Menina Que Vem De Itaiara*”, tem como autores Gutemberg Armando Diniz Guerra, César Martins de Souza e Luis Junior Costa Saraiva, professores da Universidade Federal do Pará. Eles nos conduzem em uma leitura do livro de Lindanor Celina, rico em especial pela “[...] presença marcante das personagens femininas que burlam as rígidas divisões de papéis de gênero no período, para construir suas vivências com maior autonomia nesta vila/cidade, localizada em algum lugar da Amazônia.” Com realce, é claro, para o

fato de tudo isso ser vislumbrado a partir do “olhar infantil”, mas questionador, de uma menina.

O artigo seguinte, “Em busca do “bem comum do convento”: o conflito entre o Convento de Santa Mônica de Goa e o poder episcopal na primeira metade do século XVIII”, elaborado por Rozely Menezes Vigas Oliveira (que ora desenvolve estágio pós-doutoral em História na UNICAMP-SP), nos transporta para o outro lado do mundo, a Índia, e mais longe ainda no tempo - os anos 1700. E vamos, então, para o interior de um convento – o de Sta. Mônica de Goa – no qual “religiosas rebeldes”, tendo como aliado o prelado do convento em luta frente ao arcebispo de Goa, “[...] se posicionaram contra as determinações episcopais e reagiram aos ataques dos opositores, angariando o apoio de outras instituições religiosas e civis a fim de defender seus interesses.”

Por intermédio do artigo, “A reinvenção do corpo histórico com o Grupo de Palhaçaria Feminina *CIA Lunáticas*”, de Marisa Araújo Cavalcante, psicóloga com Mestrado em Teatro pela UDESC, saímos do ambiente de convento em rebelião para um novo contexto, o do hospício de Saltpêtrière, na França do século XIX, que abrigava mulheres diagnosticadas como “históricas”, fotografadas então pelo médico Jean-Martin Charcot. Em anos recentes, essas imagens serviram de reflexão para a obra de Geroges Didi-Huberman sobre a noção de “espetacularização.” Por sua vez, tal obra inspirou Marisa Araújo Cavalcante a produzir, com a colaboração de integrantes do Grupo de Palhaçaria Feminina *CIA Lunáticas* de Santa Catarina, um outro ensaio fotográfico, que “[...] busca uma bem humorada e interdisciplinar reinvenção do corpo histórico, dialogando com a noção de espetacularização, trazida por Didi-Huberman (2015), acerca do projeto científico de Charcot e de sua equipe naquele momento histórico relevante para a psicologia, para a medicina, para a fotografia, para a história da arte e, principalmente, para a vida de tantas mulheres.”

O artigo seguinte, “A construção subjetiva de uma antiga prostituta: narrativas de memória, Serra-Es (1970-1980)”, de Mirela Marin Morgante e Maria Beatriz Nader, da Universidade Federal do Espírito Santo, tal como prometido no título, nos leva a conhecer a vida de uma mulher que rompeu com os padrões da “mulher recatada e do lar”. Trata-se de Diane, uma profissional do sexo, que chegou em meados dos anos 1970, então com 9 anos de idade, no bairro de São Sebastião, área de prostituição da Região Metropolitana da Grande Vitória. O artigo narra a sua trajetória prostitucional, argumentando que, nesse lugar, Diane “[...] construiu sua subjetividade singular, a partir de suas vivências no local e de suas memórias.”

Do Espírito Santo, rumamos para a Bahia, mais precisamente para Salvador, cenário para o lançamento e desabrochar das carreiras de duas protagonistas do canto das mulheres negras, retratadas no artigo, “Ancestralidade e Feminismo Negro nas Performances de Luedji Luna e Larissa Luz: Portadoras De Vozes Políticas.” A autoria é de Marilda Santanna, cantora, Professora do IHAC/UFBA e pesquisadora do NEIM/UFBA. Segundo ela nos indica: “Este trabalho tem por objetivo cartografar o trabalho das cantautoras baianas, Larissa Luz e Luedji Luna, nos respectivos álbuns, *Território Conquistado* (2016) e *Um corpo no mundo* (2017), nos seus aspectos estéticos-sociais, com discursos fincados no feminismo negro e na ancestralidade afro-brasileira e que apontam a arte/voz/música como unicidade.”

Para fechar esta seção de artigos, trazemos “Linha da vida feminista e performatividade da esperança numa pesquisa etnográfica”, de Ana Luiza Krüger Dias, Joana Plaza Pinto e Eliane Gonçalves, professoras da Universidade Federal de Goiás. O trabalho tem como objetivo maior refletir sobre a “[...] linha da vida enquanto teoria e prática feminista, explorando sua potencialidade na geração de dados etnográficos e seus efeitos na construção performativa da esperança.” As autoras destacam, em especial, a contribuição dessa prática como “metodologia de pesquisa”, argumentando que ela permite “vislumbrar a costura entre trajetórias textuais, corporais e materiais, e implica numa postura ética de participação e questionamento dos procedimentos de pesquisa, oportunizando uma experiência etnográfica colaborativa.”

Na seção de “ensaios”, temos o trabalho intitulado, “Na encruzilhada dos discursos arriei meu ebó de palavras: uma leitura de *O que é lugar de fala?*, de Djamila Ribeiro e *O que é interseccionalidade?*, de Carla Akotirene”, de autoria de Daniel dos Santos, doutorando no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, o PPGNEIM da UFBA. Segundo afirma o autor, seu propósito maior com esse ensaio é: “desenvolver um exercício de leitura e reflexão crítica acerca das obras com o intuito de identificar possíveis aplicabilidades dos conceitos abordados pelas autoras, bem como outros instrumentos e ferramentas eficazes para as práticas científicas, pedagógicas e, sobretudo, políticas.”

Segue-se, como parte da seção “artes de mulher”, a apresentação do “Reisado de Derina”, artigo assinado por Daniele dos Santos Lima, Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (PPGNEIM/UFBA) e membro do corpo técnico da UFBA, e Clarice Costa Pinheiro, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA e docente do departamento de Estudos de Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia. O texto se baseia na pesquisa de mestrado de Daniele Lima, materializado na dissertação “O Entrelace das Fitas: uma narrativa sobre o reisado de dona Derina na Chapada Diamantina”, defendida no PPGNEIM/UFBA. E traz um rico ensaio fotográfico das artes de D.Derina, tanto na confecção do presépio, enfeites natalinos e os chapéus ornamentados utilizados pelos reiseiros na Festa do Reisado dos Três Reis Magos na comunidade de Tanquinho de Lençóis, quanto atuando como liderança maior à frente dessa celebração, que conjuga elementos do cristianismo, das religiões Afro-brasileiras e dos povos originários, com destaque para os Tupinambá.

Neste número, trazemos ainda para nosso público leitor a resenha do livro, *A Potência Feminina, ou o Desejo de Transformar Tudo*, da escritora argentina, Verónica Gago, elaborada por Mariana Seffrin, da Universidade Federal de Santa Catarina. Conforme aponta a autora da resenha, o livro em destaque “conversa com o campo marxista, partindo de Marx e Rosa Luxemburgo, chegando ao feminismo marxista atual, representado especialmente por Silvia Federici – cujos escritos são germinais para as análises propostas por Verónica Gago – e Nancy Fraser.”

Fechamos esta edição com a entrevista realizada por Márcia Santana Tavares e Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, professoras do PPGNEIM/UFBA, com a Professora Doutora Luciane Lucas dos Santos, para uma conversa sobre “Economia Feminista.” A

nossa entrevistada é investigadora associada do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando o Núcleo de Investigação Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE), que co-coordenou de 2018 até Março de 2021. Integra, como convidada, a equipe docente do Doutoramento Democracia no Século XXI em Portugal (CES/FEUC) da Universidade de Coimbra e co-coordena o Grupo de Estudos sobre Economia Solidária do CES (ECOSOL-CES) e o Grupo de Trabalhos Policredos.

Gostaríamos de ressaltar aqui que, para nós, da Equipe Editorial da Revista Feminismos, é um imenso prazer trazer a público esta nova edição, marco inicial do nosso nono ano de publicação. Lembramos que ao longo desses nossos anos de trabalho, enfrentamos uma série de problemas, principalmente com hackers, mas esperamos que essa nossa fase de tropeços já esteja completamente superada. É nossa intenção avançar na qualidade da nossa revista, de sorte que, nas comemorações do nosso 10º aniversário, já estejamos com ela registrada nos principais indexadores nacionais e internacionais. Neste número já incluímos o DOI, para registro digital dos artigos. E, para facilitar a leitura de nossos textos por meio de celulares, tablets e similares, iniciamos essa nossa nova jornada com mudanças no ‘layout’ da Revista, de duas colunas, para uma só, aumentando, também, o tamanho da nossa fonte (agora é Times New Roman 12).

Ressaltamos, ainda, que trazemos nessa apresentação o edital de chamada para nosso número especial sobre nossas vivências e experiências da pandemia do COVID-19. Por último, queremos agradecer todas as pessoas que colaboraram conosco com seus trabalhos, como pareceristas e nos enviando sugestões para melhorar nossas produções para o público leitor.

Saudações Feministas!!!

**Equipe Editorial:** *Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecilia M. B. Sardenberg, Clarice Pinheiro, Josimara Delgado, Márcia Santana Tavares, Teresa Sacchet.*

**Disclaimer:** A edição dos artigos é da responsabilidade das autoras e autores. A seleção dos artigos incluídos nos dossiês é da responsabilidade das/dos organizadoras/es.

## **"Nossas Vivências, Experiências, Transcendências e Traumas na Pandemia do COVID-19"**

**NOVO PRAZO – 30 de Junho de 2021**

**Número Especial da Revista – Publicação em Setembro/2021**

Este dossiê se propõe a marcar nossas vivências, experiências, transcendências e traumas na história da pandemia do covid-19 no Brasil, a partir de uma perspectiva interseccional (de gênero, raça, classe, idade/geração e orientação sexual dentre outras mais), em uma diversidade de contribuições - artigos, ensaios, fotos, poemas, cordéis, músicas, depoimentos e qualquer outra forma de expressão - que possam ser registradas e publicadas pela Revista Feminismos. Vivemos hoje um dos momentos mais críticos da nossa história recente com a crise sanitária causada pela pandemia do COVID-19, agravada que tem sido em nosso país pelo pandemônio resultante do des/governo atual, com dimensões catastróficas em termos sociais, políticos, econômicos, culturais e no cotidiano de todas e todos nós. Algumas e alguns de nós, constituímos, até o momento, uma parcela privilegiada da população, na medida em que podemos exercer nosso trabalho de forma remota, não estando expostas/os mais diretamente ao perigo de contágio. Mas sabemos que isso não é verdade para todas e todos nós, aliás, para a maior parte da nossa população! Por outro lado, a vivência do 'home office' e 'home schooling' não tem se dado sem grandes atropelos, particularmente no caso das mulheres, mães de crianças ainda pequenas, que demandam muito mais cuidado e atenção. Como a divisão sexual do trabalho e a divisão racial do trabalho têm operado na pandemia? Por certo, tem sido bastante difícil, também, para as/os que vivem sozinhas/os, experimentando um isolamento ainda maior, bem como para as pessoas de idade mais avançada, ou com comorbidades, ou as/os cuidadoras/es de parentes que se enquadram nesses grupos de risco. Queremos saber: como os fatores idade/geração têm demarcado nossas experiências na pandemia? Em especial, é importante registrarmos os possíveis traumas vivenciados por aquelas e aqueles, entre nós, que foram acometidas/os pelo COVID e, ainda mais, a imensa tristeza que tem se abatido sobre as famílias que perderam pessoas queridas, roubadas por essa doença. Por certo, todas essas experiências têm sido relevantes, construindo, cada uma delas, a história da pandemia do COVID-19 no Brasil até este momento. Acreditamos que é importante registrá-las, da forma que cada um/a de nós se sentir mais confortável em fazê-lo, dando assim espaço – e compasso – para nossas diferentes expressões do que nos tem passado pelo corpo, âmago e pensamento.

Prazo de envio das contribuições: 30 de Junho, 2021

Publicação em Número Especial da Revista Feminismos

Organizadoras do Dossiê: Clarice Costa Pinheiro, Maíra Kubik Mano e Cecilia Sardenberg

**Favor submeter contribuições para o dossiê pelo sistema da Revista Feminismos.**

<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos>